

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.



p a r a — a

Copyright © 1997 by Paulo Coelho
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Asociados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

Manual do guerreiro da luz / Paulo Coelho. — 1^a ed.
— São Paulo : Paralela, 2017.

ISBN: 978-85-8439-072-4

1. Conduta de vida 2. Espiritualidade I. Título.

17-03842

CDD-869

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.editoraparalela.com.br
atendimento@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
twitter.com/editoraparalela

Para S.I.L.,
Carlos Eduardo Rangel e Anne Carrière,
mestres no uso do rigor e da compaixão.

*Não existe discípulo superior ao mestre.
Todo discípulo perfeito deverá ser como o mestre.*

Lucas 6,40

Seus filhos não são seus filhos; são filhos e filhas da vida. Vieram através de vocês, mas não lhes pertencem.

Podem dar seu amor, mas não seus pensamentos — porque eles têm seus próprios sonhos.

Podem proteger seus corpos, mas não suas almas — porque suas almas habitam na casa do amanhã, que mesmo em sonho vocês não podem visitar.

Podem tentar ser como eles, mas não tentem fazer com que se comportem como vocês; porque a vida não retrocede, nem se deixa seduzir pelo dia de ontem.

Vocês são o arco onde seus filhos, como flechas vivas, são impulsionados adiante; deixem que a mão do Arqueiro trabalhe, porque, assim como Ele ama a flecha que voa, também ama o arco, que permanece estável.

KHALIL GIBRAN, *O profeta*

Antes de começar

“Na praia a leste da aldeia existe uma ilha, com um gigantesco templo, cheio de sinos”, disse a mulher.

O menino reparou que ela vestia roupas estranhas e tinha um véu cobrindo os cabelos. Nunca a vira antes.

“Você já viu esse templo?”, perguntou ela. “Vá lá e me conte o que acha dele.”

Seduzido pela beleza da mulher, o menino foi até o lugar indicado. Sentou-se na areia e olhou o horizonte, mas não viu nada além do que estava acostumado a ver: o céu azul e o oceano.

Deceptionado, caminhou até um povoado de pescadores vizinho e perguntou sobre uma ilha com um templo.

“Ah, isto foi há muito tempo, na época em que os meus bisavós moravam por aqui”, disse um velho pescador. “Houve um terremoto e a ilha afundou no mar. Entretanto, embora já não possamos mais ver a ilha, ainda conseguimos escutar os sinos do seu templo, quando o mar os faz balançar lá no fundo.”

O menino voltou para a praia e tentou escutar os sinos. Passou a tarde inteira ali, mas só conseguiu ouvir o ruído das ondas e os gritos das gaivotas.

Quando a noite chegou, seus pais vieram buscá-lo. Na manhã seguinte, ele voltou à praia; não podia acreditar que uma bela mulher pudesse contar mentiras. Se algum dia ela voltasse, poderia dizer que não vira a ilha, mas escutara os sinos do templo, que o movimento da água fazia tocar.

Assim se passaram muitos meses; a mulher não voltou e o garoto a esqueceu; agora estava convencido de que precisava descobrir as riquezas e tesouros do templo submerso. Se escutasse os sinos, saberia sua localização e poderia resgatar o tesouro ali escondido.

Já não se interessava mais pela escola, nem pela sua turma de amigos. Transformou-se no gracejo preferido das outras crianças, que costumavam dizer: “Ele não é mais como nós. Prefere ficar olhando o mar, porque tem medo de perder nos jogos”.

E todos riam, vendo o menino sentado à beira da praia.

Embora não conseguisse escutar os velhos sinos do templo, o menino ia aprendendo coisas diferentes. Começou a perceber que, de tanto ouvir o ruído das ondas, já não se deixava distrair por elas. Pouco tempo depois, acostumou-se também com os gritos das gaivotas, o zumbido das abelhas, o vento batendo nas folhas das palmeiras.

Seis meses depois de sua primeira conversa com a mulher, o menino já era capaz de não se deixar distrair por nenhum barulho — mas tampouco escutava os sinos do templo afundado.

Outros pescadores vinham falar com ele e insistiam: “Nós ouvimos!”, diziam.

Mas o garoto não conseguiu.

Algum tempo depois, os pescadores mudaram de conversa: “Você está muito preocupado com o barulho dos sinos lá embaixo; deixe isto para lá e volte a brincar com seus amigos. Talvez apenas os pescadores consigam escutá-los”.

Depois de quase um ano, o menino pensou: “Talvez estes homens tenham razão. É melhor crescer, tornar-me pescador e voltar todas as manhãs para esta praia, porque passei a gostar dela”. E pensou também: “Talvez isso tudo seja uma lenda e, com o terremoto, os sinos se tenham quebrado e jamais tornem a tocar”.

Naquela tarde, resolveu voltar para casa.

Aproximou-se do oceano, para despedir-se. Olhou mais uma vez a natureza e, como já não estava mais preocupado com sinos, pôde sorrir com a beleza do canto das gaivotas, o barulho do mar, o vento batendo nas folhas das palmeiras. Escutou ao longe a voz de seus amigos brincando e sentiu-se alegre por saber que logo estaria de volta aos jogos de sua infância.

O menino estava contente e, da maneira que só uma criança sabe fazer, agradeceu por estar vivo. Tinha certeza de que não perdera o seu tempo, pois aprendera a contemplar e reverenciar a Natureza.

Então, porque escutava o mar, as gaivotas, o vento, as folhas das palmeiras e as vozes de seus amigos brincando, ouviu também o primeiro sino.

E outro.

E mais outro, até que todos os sinos do templo submerso tocaram, para a sua alegria.

Anos depois — já um homem —, ele voltou à aldeia e à praia da sua infância. Não pretendia resgatar nenhum tesouro do fundo do mar; talvez aquilo tudo fosse fruto de sua imaginação e jamais tivesse escutado os sinos submersos numa tarde perdida da sua infância. Mesmo assim, resolveu passear um pouco, para ouvir o barulho do vento e o canto das gaivotas.

Qual não foi sua surpresa ao ver, sentada na areia, a mulher que lhe falara da ilha com seu templo.

“O que faz aqui?”, perguntou.

“Esperava você”, respondeu ela.

Ele reparou que — embora muitos anos já se tivessem passado — a mulher conservava a mesma aparência; o véu que escondia seus cabelos não parecia desbotado pelo tempo.

Ela estendeu-lhe um caderno azul, com as folhas em branco.

“Escreve: um guerreiro da luz presta atenção nos olhos de uma criança. Porque elas sabem ver o mundo sem amargura. Quando ele deseja saber se a pessoa ao seu lado é digna de confiança, procura ver como uma criança a olha.”

“O que é um guerreiro da luz?”

“Você sabe”, respondeu ela, sorrindo. “É aquele que é capaz de entender o milagre da vida, lutar até o final por algo em que acredita e, então, escutar os sinos que o mar faz tocar em seu leito.”

Ele jamais se julgara um guerreiro da luz. A mulher pareceu adivinhar seu pensamento: “Todos são

capazes disso. E ninguém se julga guerreiro da luz, embora todos sejam”.

Ele olhou as páginas do caderno. A mulher sorriu de novo.

“Escreve sobre o guerreiro”, disse ela.

MANUAL DO
GUERREIRO DA LUZ

Um guerreiro da luz nunca esquece a gratidão.

Durante a luta, foi ajudado pelos anjos; as forças celestiais colocaram cada coisa em seu lugar e permitiram que ele pudesse dar o melhor de si.

Os companheiros comentam: “Como tem sorte!”. E o guerreiro às vezes consegue muito mais do que sua capacidade permite.

Por isso, quando o sol se põe, ajoelha-se e agradece o Manto Protetor à sua volta.

Sua gratidão, porém, não se limita ao mundo espiritual; ele jamais esquece os amigos, porque o sangue deles se misturou ao seu no campo de batalha.

Um guerreiro não precisa que ninguém lhe recorde a ajuda dos outros; ele se lembra sozinho e divide com eles a recompensa.

Todos os caminhos do mundo levam ao coração do guerreiro; ele mergulha sem hesitar no rio de paixões que sempre corre por sua vida.

O guerreiro sabe que é livre para escolher o que desejar; suas decisões são tomadas com coragem, desprendimento e — às vezes — com uma certa dose de loucura.

Aceita suas paixões e as desfruta intensamente. Sabe que não é preciso renunciar ao entusiasmo das conquistas; elas fazem parte da vida e alegram a todos os que delas participam.

Mas jamais perde de vista as coisas duradouras e os laços criados com solidez através do tempo.

Um guerreiro sabe distinguir o que é passageiro e o que é definitivo.

Um guerreiro da luz não conta apenas com suas forças; usa também a energia do seu adversário.

Ao iniciar o combate, tudo o que ele possui é o seu entusiasmo e os golpes que aprendeu enquanto treinava; à medida que a luta avança, descobre que o entusiasmo e o treinamento não são suficientes para vencer: é preciso experiência.

Então ele abre o seu coração para o Universo e pede a Deus que o inspire, de modo que cada golpe do inimigo seja também uma lição de defesa para ele.

Os companheiros comentam: “Como é supersticioso! Parou a luta para rezar, e respeita os truques do adversário”.

O guerreiro não responde a essas provocações. Sabe que, sem inspiração e experiência, não há treinamento que dê resultado.

Um guerreiro da luz jamais trapaceia; mas sabe distrair seu adversário.

Por mais ansioso que esteja, joga com os recursos da estratégia para atingir seu objetivo. Quando vê que está no final de suas forças, faz com que o inimigo pense que não tem pressa. Quando precisa atacar o lado direito, move as suas tropas para o lado esquerdo. Se pretende iniciar a luta imediatamente, finge que está com sono e prepara-se para dormir.

Os amigos comentam: “Vejam como perdeu seu entusiasmo”. Mas ele não dá importância aos comentários, porque os amigos não conhecem suas táticas de combate.

Um guerreiro da luz sabe o que quer. E não precisa ficar explicando.

Comenta um sábio chinês sobre as estratégias do guerreiro da luz:

“Faça seu inimigo acreditar que não conseguirá grandes recompensas se decidir atacá-lo; desta maneira, você diminuirá seu entusiasmo.

“Não tenha vergonha de retirar-se provisoriamente do combate, se perceber que o inimigo está mais forte; o importante não é a batalha isolada, mas o final da guerra.

“Se você estiver bastante forte, tampouco tenha vergonha de fingir-se de fraco; isto faz seu inimigo perder a prudência e atacar antes da hora.

“Numa guerra, a capacidade de surpreender o adversário é a chave da vitória.”

“É curioso”, comenta o guerreiro da luz consigo. “Encontrei tanta gente que — na primeira oportunidade — tenta mostrar o pior de si. Esconde a força interior atrás da agressividade; disfarça o medo da solidão com um ar de independência. Não acredita na própria capacidade, mas vive pregando aos quatro ventos suas virtudes.”

O guerreiro lê essas mensagens em muitos homens e mulheres que conhece. Nunca se deixa enganar pelas aparências e faz questão de permanecer em silêncio quando tentam impressioná-lo. Mas usa a ocasião para corrigir suas falhas — já que as pessoas são sempre um bom espelho.

Um guerreiro aproveita toda e qualquer oportunidade para ensinar a si mesmo.

O guerreiro da luz às vezes luta com quem ama.

O homem que preserva seus amigos jamais é dominado pelas tempestades da existência; tem forças para ultrapassar as dificuldades e seguir adiante.

Entretanto, muitas vezes sente-se desafiado por aqueles a quem procura ensinar a arte da espada. Seus discípulos o provocam para um combate.

E o guerreiro mostra sua capacidade: com alguns golpes, lança as armas dos alunos por terra, e a harmonia volta ao local onde se reúnem.

“Por que fazer isso, se és tão superior?”, pergunta um viajante.

“Porque, quando me desafiam, na verdade estão querendo conversar comigo e — dessa maneira — mantenho o diálogo”, responde o guerreiro.